

## NEM MORCEGOS, NEM PANGOLIM: FOI O RINOCERONTE

Lucio Ayres Caldas<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto apresenta elementos no campo biológico que caracterizam o coronavírus, destaca que a ampliação desta e de outras doenças ocorrem por um esgotamento ecológico e que a proporção de impacto do coronavírus, no contexto econômico capitalista, possui dimensões catastróficas que invadem dimensões sensíveis da vida contida entre o cotidiano, o trabalho e a produção de valor.

**Palavras Chaves:** Coronavirus, origem, impacto social

### NEITHER BATS NOR PANGOLIN: IT WAS THE RHINOCEROS

**Abstract:** This text presents elements in the biological field that characterize the coronavirus, highlights that the expansion of this and other diseases occur by an ecological exhaustion and that the proportion of coronavirus impact, in the capitalist economic context, has catastrophic dimensions that invade sensitive dimensions of life contained between daily life, work and value production.

**Keywords:** Coronavirus, origin, social impact.

### NI MURCIÉLAGOS NI PANGOLÍN: ERA EL RINOCERONTE

**Resumen:** Este texto presenta elementos en el campo biológico que caracterizan al coronavirus, destaca que la expansión de esta y otras enfermedades se producen por un agotamiento ecológico y que la proporción de impacto del coronavirus, en el contexto económico capitalista, tiene dimensiones catastróficas que invaden dimensiones

---

<sup>1</sup> Professor de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  <http://orcid.org/0000-0002-1187-557X> . E-mail: [lucioacaldas@gmail.com](mailto:lucioacaldas@gmail.com)

sensibles de la vida contenidas entre la vida cotidiana, el trabajo y la producción de valor.

**Palabras clave:** Coronavirus, origen, impacto social

*Eu quisera ser claro de tal forma que ao dizer  
- rosa  
todos soubessem o que haviam de pensar.  
Mais: quisera ser claro de tal forma  
Que ao dizer  
- já!  
todos soubessem o que haviam de fazer.  
(Geir Campos. Poética)*

494

Uma capa proteica, eventualmente envolta por uma bicamada lipídica, com uma surpresa desagradável no seu interior. Essa é, a grosso modo, a fama dos vírus. Descritos na linguagem do senso comum como assassinos invisíveis, mesmo quando a maioria não nos causa nada e muitos são até benéficos à nossa saúde, também são objeto de análise teleológica por parte de uma fração não desimportante da comunidade científica, que os taxa de estrategistas, quando nem seres vivos são.

O genoma (a “surpresa”) do SARS-CoV-2 (agente etiológico da COVID-19) é constituído de uma fita de RNA, tipo de ácido nucleico com conhecida tendência ao salto interespecífico. Por mecanismos como mutação, recombinação ou persistência (Graham & Baric, 2010) houve o salto de morcegos provavelmente para o pangolim e então para os humanos. A transferência zoonótica resultante deste novo estágio da evolução dos coronavírus brindou a nossa espécie com uma taxa de transmissão acima do habitual. Tal característica deve-se principalmente a alterações em uma proteína, a proteína S que, salpicada na superfície da partícula viral, é responsável por conferir a esse patógeno uma morfologia semelhante a uma coroa (daí o nome coronavírus) quando vista ao microscópio eletrônico.

Ao situarmos o fenômeno no seu devido contexto histórico, vemos que a lógica capitalista na produção agrária leva à adaptação de vetores às mudanças ambientais. Tais alterações incluem o desmatamento, a criação de áreas de irrigação e até mesmo o deslocamento populacional devido à guerra e à fome. Ainda nessa esteira, é até mesmo possível creditar o desenvolvimento da resistência aos antibióticos por parte de bactérias patogênicas e também a resistência aos pesticidas por parte de patógenos causadores de pragas.

Quando as forças produtivas são deslocadas para áreas consideradas “selvagens”, entram em contato com uma fauna até então distante, que abriga uma grande variedade de patógenos desconhecidos, geralmente vírus. Não raro, populações operárias reunidas em condições insalubres, especialmente em regiões onde o saneamento básico é parco, compartilham o mesmo espaço com animais selvagens, seja no local de moradia ou em grandes galpões destinados à venda desses animais para consumo (permitindo a redução do custo da alimentação da mão-de-obra). Grosso modo este foi o recente caso chinês.

É, portanto, incontornável a conclusão de que a expansão industrial desloca a criação de animais suscetíveis para áreas de considerável risco, onde o contato com cepas virais até então desconhecidas é iminente. Disto resulta não apenas a infecção dos animais mercantilizados, mas também a de seus tratadores, atravessadores e demais trabalhadores que participam diretamente da comercialização e processamento de espécies destinadas à indústria. Esta dinâmica não exclui, evidentemente, o cenário da agricultura. O volume colossal de terras comercializadas destrói o cultivo dos pequenos produtores, compelindo-os a práticas consideradas ilegais como o extrativismo vegetal, a caça de animais e o comércio de madeiras. Isto também expõe essa parcela marginalizada da população ao contato com patógenos desconhecidos.

O surgimento da atual pandemia ocorre em um determinado contexto histórico, sob determinadas relações de produção que a condicionam e determinam. Nosso ponto de partida nesta análise é, portanto, o entendimento de que no modo de produção vigente, tudo o que é produzido deve permitir ou viabilizar a extração de mais-valia. Assim também deve ser entendido o espaço, visto que se trata de espaço necessário à reprodução das relações de produção.

A crise, e especificamente esta crise exacerbada pela suspensão da produção devida à pandemia, leva necessariamente à abertura de novas picadas na floresta do capital, i.e., a alterações nas formas da sua reprodução. Se nos anos precedentes, a China, com sua taxa de lucro exorbitante que não era passível de aplicação na produção -- pois configurava capital em excesso para o mercado consumidor limitado -- recorria aos títulos públicos dos EUA e também aos créditos (endividamento), agora tem de lidar com uma política de retomada da produção necessariamente mais rápida do que os seus adversários, em especial os EUA.

Ocorre que, com a pulverização da produção em escala internacional, estabelecida no intuito de enxugar os custos e manter uma taxa de mais-valia promissora, torna-se cada vez mais difícil assegurar a perfeita cadência em situações de instabilidade global. Se a crise do valor tem

mostrado que o capitalismo é incapaz de repor continuamente as condições anteriores de captação de mais-valia através das alternativas oferecidas pelo chamado capital financeiro, que dirá em período de pandemia?

A antiga forma de disputa de economias nacionais encontra-se fraturada pela forma mundializada de produção de mercadorias. E ainda que haja uma pletora de contradições entre as formações sociais no interior deste processo, a resposta concreta dos países é uma verdadeira política de redução de danos. Tal movimento se expressa por duas características principais:

- 1) Alternância entre as medidas de confinamento e relaxamento, com o objetivo de assegurar a produção sob a sombra das novas ondas de infecção. Em termos de produção mundial de mercadorias isso é particularmente difícil, já que o processo de produção tem suas etapas espalhadas por diversos países onde o capital encontra melhores condições. E o ritmo de retomada e relaxamento desses países não é sincronizado, o que também dificulta a realização (venda) da mercadoria.
- 2) A solução encontrada passa, entre outras medidas, pelo confisco ainda mais contundente dos “direitos” trabalhistas, o rebaixamento da mão de obra e a precarização do trabalho (quando trabalho há).

De forma geral, a política de redução de danos na retomada da produção, levando em conta todos os seus (pre)supostos, está contemplada na tentativa de implementação do passaporte de imunidade. Tal passaporte, que intenta a concessão de liberdades econômicas e de sociabilidade apenas aos contemplados, é baseado no resultado de testes rápidos sorológicos de eficácia em torno de 30%. Esta patética performance se deve à falta de especificidade e à falta de sensibilidade. A primeira característica refere-se ao fato de que os anticorpos que o teste detecta não são necessariamente para o SARS-CoV-2, levando ao resultado falso-positivo. Além do SARS-CoV e do MERS (dois coronavírus que causaram pandemias nos anos precedentes), há pelo menos mais 4 coronavírus circulantes, causadores de resfriados comuns. A reação de anticorpos contra esses vírus também pode ser um fator de engano nesse tipo de teste. A segunda característica (ausência de sensibilidade) significa que se a pessoa testada não apresenta uma alta taxa de anticorpos, eles não serão detectados, resultando em falso-negativo.

A (falsa) premissa deste empreendimento é que após o contato com o vírus e uma eventual recuperação, estaríamos imunes. A verdade é que até a presente data a imunidade contra este novo coronavírus é um mistério. Se nos pautarmos pelos coronavírus já conhecidos, mas que são substancialmente diferentes deste, a imunidade duraria de 1 a 2 anos.

Outro ponto que merece atenção é que não basta que tenhamos anticorpos contra o SARS-CoV-2. É necessário também que esses anticorpos sejam neutralizantes, i.e., sejam capazes de inviabilizar o exitoso encaixe entre os ligantes virais (moléculas presentes na superfície do vírus) e os receptores celulares (moléculas presentes na superfície da célula). Os testes capazes de aferir esta capacidade ainda estão em vias de desenvolvimento, haja visto que demandam laboratórios especiais (de nível de biossegurança 3) e um grande número de amostras rigorosamente processadas.

O número de kits para a realização desses testes também se mostra inexequível por se tratar de pelo menos o dobro da população de cada país. Isso porque cada pessoa deveria ser testada no mínimo duas vezes, considerando que após um primeiro teste com resultado negativo, haveria a necessidade de repeti-lo posteriormente no intuito de assegurar que não houve infecção no período desse intervalo. Além do mais, os testes teriam que ser repetidos anualmente para assegurar o status de imunidade.

Por outro lado, a implementação de documentos eletrônicos como parte dessa estratégia leva ao monitoramento e a uma clara ameaça à privacidade. Alguns aplicativos usados em determinadas regiões da China para este fim são ligados diretamente ao departamento de polícia, onde uma teia de contatos pode ser investigada e usada para fins diversos.

Já é possível observar movimentos no sentido de evitar a contratação de trabalhadores que testam negativo nestes kits sorológicos. Nas rádios ecoam propagandas de companhias especializadas na venda de testes rápidos para os funcionários de empresas interessadas. Não se trata apenas da sugestão de um futuro próximo onde testes genéticos podem ser determinantes para a contratação de força de trabalho, em que as empresas estudam a ficha de saúde dos candidatos ao emprego, verificando a tendência de riscos para os lucros. Indica também que no mundo em que o trabalho, a substância do valor, é a chantagem que garante a sobrevivência, o desemprego é desesperador. Desse modo, mediante a aplicação do passaporte de imunidade, aqueles que ainda não se infectaram, evidentemente se inclinam a fazê-lo, abrindo totalmente a cancela do colapso da saúde pública.

O vírus é o agente da pandemia. Mas não pode ser o agente da crise, porque não é a forma autônoma daquilo que representa. Se a forma mercadoria determina o que fazemos e como fazemos, e isto se reflete no fato de que é preciso vender para comprar e comprar para vender, quando essa unidade é esfacelada a crise emerge. A metamorfose da mercadoria em dinheiro e vice-versa. Aqui temos a forma mais elementar da possibilidade da crise de uma sociedade desenvolvida sobre essa base. A forma que tem seu desdobramento na conhecida fórmula

dinheiro-mercadoria-dinheiro, ou, o processo de valorização. Este mesmo, um desdobramento das possibilidades de crise. Quanto mais complexo e embaralhado o sistema de produção de mercadorias e condições de trocas sobre esse pavimento (assim é o processo de valorização do capital), maior a possibilidade de interrupção, i.e., de crises.

A crescente e constante complexidade dos “saltos mortais” das trocas (Marx) fez se acompanhar do salto da importância do seu mediador (o dinheiro) como mercadoria universal. Ainda assim e apesar disso, as desproporções quantitativas geradas pela atual divisão do trabalho não são mais importantes para a crise do que a desvalorização do capital, a permanente tendência estrutural à queda da taxa de lucro que é agravada por essas mesmas configurações estabelecidas para tentar equilibrar o circuito, numa tentativa sempre-desesperada de se chegar à quadratura da circunferência.

Tampouco uma gestão menos irracional (ou planejada) sobre a mesma base é capaz de remover esta contradição, simplesmente porque ela é antagônica e inerente ao modo de produção vigente. Tal contradição se reflete, mesmo empiricamente, na medida de razão aparentemente (ideologicamente) inversa que se expressa na fórmula do desenvolvimento de forças produtivas e o empobrecimento relativo (e absoluto) das massas populares.

É só lembrarmos (nunca é demais) que a taxa de lucro se expressa na relação entre a mais-valia e o capital investido ( $MV/C$ ) portanto, a crise é a queda da produção e do lucro -- até porque a produção é destinada à obtenção do lucro. Como manter a quantidade de trabalho gratuito que a produção de mercadorias contém numa conjuntura de suspensão forçada? Se em condições “normais” a concorrência obriga o capitalista a desenvolver o máximo das forças produtivas e diminuir ainda mais o valor da força de trabalho, como fazê-lo na conjuntura de pandemia?

E aqui entendemos porque a esperança é a correia da submissão. Na ausência de uma resposta fora da institucionalidade, o capital é como um rinoceronte. Míope e impetuoso. Se não consegue encontrar um caminho, criará um.

#### **Referência**

Graham R. L., Baric R.S. (2010) Recombination, reservoirs, and the modular spike: Mechanisms of coronavirus cross-species transmission. *J Virol* 84(7):3134–3146.

**Data da Submissão: 20/06/2020**

**Data da Avaliação: 29/06/2020**